

O ENSINO DA SEMÂNTICA SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

Virginia B. B. Abrahão*

Resumo: Trata esse artigo de possibilidades de ensino da Semântica sob uma perspectiva enunciativa. Inicialmente discute-se o porquê de a Semântica não aparecer nas Gramáticas escolares e nem mesmo nos Manuais Didáticos. Logo após são estabelecidas as bases conceituais de uma abordagem enunciativa das questões semânticas e, a seguir, são apresentadas propostas de trato com essa disciplina nas salas de aula de língua materna e estrangeira. Os objetivos giram em torno da desconstrução de concepções tradicionais sobre a linguagem, que a separam do pensamento conceitual e entendem que cabe à linguagem nomear a realidade e instrumentalizar o pensamento. Entendendo sentido como efeito que o discurso produz no dizer, sendo esse um acontecimento, ou seja, instaura relações históricas próprias, as propostas de ensino que se tecem pretendem discutir as relações que a dimensão linguística estabelece com a história e com o sujeito produtor de sentido, em cada ato de linguagem. Essa concepção almeja instaurar nos educandos uma perspectiva de construção coletiva, tanto da linguagem, do sujeito que nela se constitui e mesmo da história enquanto acontecimento. De sofrendores da linguagem os educandos passam a se ver como produtores de sentidos sempre novos, capazes de reconduzir as formas de vida.

Palavras-chave: Semântica. Enunciação. Sujeito.

Abstract: This paper deals with the semantic teaching possibilities in an enunciative perspective. First of all, there is a discussion on why semantics neither appears in school grammars, nor in didactic manuals. Soon after, conceptual bases of an enunciative approach of semantic aspects are established, and hereafter proposals for dealing with this subject in native and foreign language classrooms are presented. The objectives are focused on the deconstruction of traditional conceptions about language which separates it from conceptual thinking and understands that it is up to language to nominate reality and instrumentalize thought. Since meaning can be understood as an effect produced by discourse, which is an event, it establishes its own historical relations. Therefore, the educational proposals that arise aim at discussing relationships that the linguistic dimension establishes with history, and the subject who produces meanings in each speech act. This conception intends to establish in learners a perspective of collective construction of language, the subject, and history as an event as well. From sufferers of language learners begin to see themselves as producers of new meanings, capable of redirecting life.

Keywords: Semantics. Enunciation. Subject.

* Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, virginia.abrahao@ufes.br

Introdução

(...) a palavra é o homem mesmo. Somos feitos de palavras. Elas são a nossa única realidade ou, ao menos, o único testemunho de nossa realidade. Não tem pensamento sem linguagem, (...) E ainda o silêncio diz algo, pois está impregnado de signos. Não podemos escapar à linguagem. (Otávio Paz, 1986, p. 30) (Tradução provisória)

O ensino da Semântica tem sido parcamente discutido, tanto dentro dos estudos linguísticos, quanto nos estudos gramaticais. Há muito se discute sobre o ensino da Sintaxe e da Morfologia, no ensino fundamental e médio. Contudo, a Semântica aparece somente de modo transversal quando dos estudos sintáticos ou nos momentos de interpretação de textos.

A ambiguidade, a metáfora e, por vezes, o conceito de signo linguístico, são temas que aparecem em Manuais Didáticos, mas não há aí uma parte destinada à Semântica. No geral, o aluno de ensino médio desconhece o significado da palavra Semântica, porque ela não se constitui como um corpo estruturado no ensino. No entanto, não há linguagem fora da significação.

Ora, o que faz com que a Semântica não apareça, como um corpo de conteúdos estruturados, dentro do ensino fundamental e médio? De que modo a Semântica está presente no ensino? Afinal, o que ensinar quando se trabalha com a Semântica na escola? Essas são algumas das questões que pretendemos discutir nesse artigo.

A fim de trabalhar essas questões dividiremos esse texto nas seguintes partes: Relação entre o homem e a linguagem / Semântica e enunciação / Propostas de ensino.

Nossos objetivos são os de pensar uma Semântica da Enunciação ou Semântica Discursiva, de base enunciativa, que chegue às salas de aula de língua materna. A construção de uma proposta de ensino sob essa perspectiva não é tarefa fácil, primeiramente porque significa romper com uma perspectiva formal de linguagem que prevê que os significados sejam relativamente estáveis e de fácil apreensão; depois porque lidar com a instabilidade do significado, com a fluidez dos sentidos, dentro das salas de aula, não é tarefa das mais simples, principalmente com a realidade das escolas brasileiras.

No entanto, negar-se a olhar a produção de sentidos, o significado no uso, os efeitos de sentido, significa alimentar uma perspectiva que entende o indivíduo como autônomo em relação à linguagem. Essa postura tende a pressupor uma anterioridade da linguagem em

relação ao sujeito que a produz e, ao mesmo tempo, uma autonomia deste em relação à linguagem. Sob essa perspectiva o homem sofre da linguagem, ela é um limitador das suas possibilidades de expressão.

Conforme Otávio Paz citado na epígrafe, “Somos feitos de palavras. Elas são a nossa única realidade...” (idem). Desse modo, trabalhar as relações de significação a partir de conceitos pré-fixados, herdados, estáveis, já estabelecidos pela sociedade, pode levar os indivíduos a posturas bastante comprometedoras na sua relação com a realidade. Tudo já está estabelecido antes de nascermos, pois já foi nomeado; resta-nos adaptarmo-nos à sociedade e acatarmos, passivamente, o seu funcionamento. Além disso, aqueles que dominam mais conceitos, como, por exemplo, os médicos, os cientistas ou os sacerdotes, sabem mais e por isso possuem a verdade sobre as coisas. As variações de sentidos, tais como as metáforas e as metonímias são desvios só aceitáveis para alguns, os poetas. As ambiguidades devem ser evitadas e a polissemia deve ser compreendida a partir das homonímias, ou seja, a língua não possui variações infinitas em suas possibilidades de produção de sentidos (polissemia) e sim variações advindas de etimologias distintas ou de mudanças de classes das palavras (homonímia).

Vejamos um exemplo apenas, o conceito de antônimo. Ora, se os significados são previamente estabelecidos eles também possuem opostos estabilizados. Desse modo, ou a pessoa é velha ou é nova; ou é feia ou bonita; ou é alegre ou triste. Como se pode observar, há uma infinidade de outros conceitos que poderiam ser colocados entre esses pares, como: velho – meia idade – adulto – jovem – criança – bebe, além de conceitos como *conservado*; *adolescente*; *pré-adolescente*, dentre outros. Se, porém, os significados se fazem no uso, então alguém pode chamar de *velho* um amigo, ou de *bonito* um ato repreensível: *bonito heim!*. Além disso, pode-se opor qualquer coisa, conforme o contexto, como o faz Caetano Veloso na música *O Quereres*: “Onde queres revólver sou coqueiro/ E onde queres dinheiro sou paixão / Onde queres descanso sou desejo (...)”.

Essa reflexão nos parece, essencial, afinal, enquanto não alterarmos os nossos conceitos sobre a linguagem, não alteraremos a nossa relação com ela. Se, de acordo com Otávio Paz (*op cit*), as palavras “são a nossa única realidade”, então não alteraremos a

realidade se mantivermos com a linguagem uma relação de subserviência, reflexo das nossas relações sociais.

Relação entre o homem e a linguagem

É muito marcada, na nossa sociedade, a concepção de que a linguagem expressa o pensamento. Ou seja, o pensamento é separado da linguagem e esta nomeia a realidade.

Para a Linguística não há separação entre pensamento e linguagem, porque não se pensa fora dela. Além disso, não se acredita que se pense melhor na medida em que se possua mais vocabulário. A linguagem não é um conjunto de palavras, mas um sistema complexo que estrutura em si *formas de vida*, que levam a modos de pensar, de conceber a realidade.

A literatura corrente não difere, de modo suficiente, os conceitos de *sentido* e *significado*. Afirma-se, simplesmente, que o sentido é o que percebemos do significado das palavras, quando em uso. Ora, essa concepção admite ainda que exista um significado primeiro e que o significado seja o conceito, ou seja, aquilo que nos possibilita pensar. *Pensamento* e *linguagem* estão separados, segundo essa concepção. Ou seja, o homem aprende a linguagem para aprender a pensar.

Há concepções linguísticas mais modernas, pautadas numa perspectiva cognitivista, que admitem que são os significados já estabilizados que garantem as nossas possibilidades de pensamento e também de linguagem. Por isso recriamos estratégias de referenciar a realidade a fim de pautá-la pelo diferente, isso quando os conceitos estabilizados não contemplam a dimensão das nossas experiências. Sob esse ponto de vista, a cognição garante a nossa apreensão do real, bem como as nossas possibilidades de renovação de concepções sobre a realidade, na medida em que os processos cognitivos se renovam a partir das experiências vividas pelos sujeitos.

Essa concepção se coaduna com a postura de Mikhail Bakhtin, para quem, no seu texto, *A linguagem das línguas*, “a linguagem não é um meio neutro”:

Em essência, para a consciência individual, a linguagem (...) coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna ‘própria’ quando o falante a povoa com sua intenção,

com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva. Até o momento em que foi apropriado, o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que ele seja isolado e feito próprio. Nem todos os discursos se prestam de maneira igualmente fácil a esta assimilação e a esta apropriação: muitos resistem firmemente, outros permanecem alheios, soam de maneira estranha na boca do falante que se apossou deles, não podem ser assimilados por seu contexto e escapam dele; é como se eles, fora da vontade do falante, se colocassem ‘entre aspas’. A linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo. (BAKHTIN, 1975, p. 100)

No entanto, sob essa perspectiva, a linguagem continua sendo considerada uma herança social, mas acredita-se que ela seja constantemente reconstruída. A realidade é comum a todos os indivíduos, mas esses a experienciam de maneiras diversas. A linguagem ainda é um instrumento e não se confunde com o próprio indivíduo. Sujeito e linguagem vivenciam uma relação complexa, mas socialmente construída.

Segundo Julia Kristeva, em seu livro *História da Linguagem*, “a linguagem é simultaneamente o único modo de ser do pensamento, a sua realidade e a sua realização.” (Kristeva, 1969, p. 17) Para essa autora “não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação.” (idem, p. 18)

O que percebemos é que os homens estruturam seu modo de ver a vida na medida em que interagem em linguagem. Não há uma separação entre o homem e a linguagem. Um não antecede o outro como se a linguagem fosse uma herança social. Ela se impõe aos sujeitos. Kristeva afirma que “O homem moderno está mergulhado na linguagem, vive na fala, é assaltado por milhares de signos.” (idem, p. 9)

A referida autora vai mais longe ao dizer da influência da linguagem sobre o homem, na sociedade moderna:

Pois hoje em dia, nada, ou quase nada, se faz sem fala, e é necessário saber, apesar de tudo, se essa coisa que fala quando eu falo e que me implica totalmente em cada som que enuncio, em cada palavra que escrevo, em cada signo que faço, se essa coisa é realmente eu, ou um outro que existe em mim, ou ainda um não sei quê de exterior a mim mesmo que se exprime através da minha boca em virtude de qualquer processo ainda inexplicado. (KRISTEVA, 1969, p. 10)

Rubem Alves (1994, p. 14) também afirma, na mesma direção, que “Desde que nascemos, continuamente palavras vão sendo ditas. Elas entram no nosso corpo, ele vai sendo transformado, virando uma outra coisa, diferente da que era.”

Sob esse ponto de vista apresentado por Rubem Alves, não nos apropriamos da linguagem, como instrumento, para produzir sentidos; para ele, a linguagem é parte integrante da construção da subjetividade e, ao mesmo tempo, não há linguagem sem sujeito. Desse modo, nenhuma pessoa é uma individualidade completa, pois suas atitudes e desejos são construídos por uma história coletiva que dá significados à linguagem, bem como a resignificam, num processo incessante e ininterrupto. Desse modo, nem o pensamento pode ser dado como fruto de um indivíduo autônomo.

Se entendemos que sem o sujeito não há linguagem, ou seja, que ela não está pronta antes do uso, o sujeito pode ser compreendido como uma prerrogativa de linguagem (MARI,1991). Como cada sujeito vivencia experiências de significado distintas, os efeitos de sentido produzidos por seus discursos, não podem ser previstos. Nunca se sabe o que o outro vai captar ou perceber. Os efeitos de sentido dependerão das circunstâncias em torno das quais o sujeito rearranja o código ao propor o seu discurso.

Mari (1991, p. 8) apresenta o sujeito como o interesse primeiro para aqueles que pretendem lidar com a significação. A importância dessa categoria está no fato de ela assumir a questão da produção de sentido em linguagem de um modo não fixado, não previsível. Não se trata somente de um *emissor* ou de um *falante*. Não se trata de uma pessoa que pretende transmitir determinados fatos ou sentimentos da maneira mais clara possível, querendo diminuir o nível de redundâncias, para que o ouvinte tenha a compreensão global da mensagem. Mari (1991) acredita, dessa maneira, que o sentido não se assegura no sistema linguístico, já que uma mesma frase pode ser entendida de diversas maneiras, nem somente no momento histórico. Assim, a significação proposta nunca é da ordem do previsível, do contextualmente determinado.

Para Mari (1991, p. 49), “o sentido decorre, então, de percursos do signo em uma dada situação discursiva”.

Portanto, para essa perspectiva a linguagem é uma prerrogativa para a construção da realidade. Como há múltiplas linguagens, há múltiplas realidades.

Semântica e Enunciação

De acordo com o pouco de Semântica que chegam às Gramáticas Normativas e aos Manuais Didáticos, há palavras de *mesmo sentido* ou sinônimas. Esse é um exemplo de uma concepção de linguagem que entende a relação do homem com a linguagem como uma relação independente, em que o significado antecede o homem e constrói as suas possibilidades de pensamento. De acordo com as concepções enunciativas o significado se faz no uso e, nesse sentido, não teríamos jamais palavras de *mesmo sentido* ou de *sentido semelhante*, já que a cada momento os sentidos são recriados, instaurando assim novas possibilidades de realidades.

No entanto, se os significados fossem totalmente instáveis, como as pessoas se comunicariam? O que essa concepção prevê é que a variação é constante, mas parte de significados já foram estabilizados. Só por isso se pode compreender *dar à luz* como conceber uma criança, ou *acender a luz* como ligar o interruptor da lâmpada.

Mas, afinal, o que é Semântica? Como ela pode ser definida?

Para aqueles que priorizam o estudo da palavra, do conceito, a Semântica é vista como a ciência que estuda o significado. Já para os que entendem que a linguagem acontece no uso, esses dirão que cabe à Semântica o estudo do sentido.

Significado ou Sentido? Qual o objeto de estudo da Semântica?

Eduardo Guimarães, no seu livro *Os limites do sentido* afirma que é na década de 70, quando já está instaurada a pesquisa em Linguística no Brasil, que se especifica uma Semântica Discursiva, em oposição a uma Semântica Linguística (formal).

Também José Luiz Fiorin e Milton José Pinto já apontam para uma Semântica baseada nas teorias dos discursos, em suas obras.

Já em 1977 o professor Milton José Pinto, em seu livro *Análise Semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos*, apontava para a interdisciplinaridade do fato semântico:

Tal projeto, pelo recurso à interdisciplinaridade, tem o que assustar os linguistas

mais conservadores, mas traz de volta aos estudos de linguagem uma certa tradição humanística hoje abandonada. O fato é que a significação está na raiz de todos os fenômenos de que o ser humano é participante, e nenhuma ciência humana poderá se constituir sem levar isso em conta. (PINTO, 1977, p. 13)

E, ao final desse mesmo livro, o autor acrescenta como uma das perspectivas de desenvolvimento na área da Semântica “uma Semântica discursiva, baseada no desenvolvimento de uma teoria dos discursos” (Idem, p. 90). Essa concepção surge em oposição às teses estruturalistas que encapsulavam o significado ao conceito.

Mikhail Bakhtin, no seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 95, afirma:

De fato, a forma linguística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.

Para Guimarães, em *Os limites do sentido*, o sentido é o efeito de discurso no acontecimento do dizer. Ou seja, cada ato enunciativo se constitui como um acontecimento, pois se instaura em um momento histórico específico e inaugura um tempo próprio do discurso. Isso tudo sem a consciência total dos sujeitos.

Como proposta de ensino, cabe a uma Semântica Discursiva, de base enunciativa, a análise da produção de sentido dos enunciados, trabalhando neles os três níveis de produção da linguagem: o sistema linguístico em conjunto com a história e com os sujeitos que nela se constituem.

Propostas de ensino

Como foi dito anteriormente, a perspectiva aqui adotada é enunciativa, ou seja, estamos entendendo que não há um significado estático, único, unívoco, quando se produz a linguagem, pois este depende do lugar em que é produzido, do estatuto dos locutores e do momento sócio-histórico da sua produção. Nem mesmo se se considerar que exista um

significado básico, ainda ele é fluido.

Segundo a perspectiva aqui adotada, *a Semântica é o estudo dos sentidos ou dos efeitos de sentidos*. Isso porque acreditamos que os significados são fluidos, instáveis, dinâmicos, dependentes do momento do uso para se constituírem. O que se tem são significados estabilizados em determinados momentos, que possibilitam que as pessoas se entendam, mas eles se modificam constantemente.

As palavras se fazem no uso e não existem fora, ou antes do uso, ou seja, independentemente dos termos que usamos, eles sempre se renovam, a cada ato de linguagem, por isso não podem ser vistos separados dos discursos, dos lugares sociais em que aparecem.

Um texto da Revista Superinteressante, de 1997 demonstra bem como as palavras participam da vida social, mais do que são herdadas, pois se refazem num movimento constante.

Se no seu tempo **comandos de teclado** eram mecanismos internos do piano, **monitor** era guia de excursão, **programas** eram folhetos que traziam o descritivo dos espetáculos, **arquitetura** era a arte de dispor elementos de um edifício ou espaço urbano, **resolução** era o mesmo que decisão, **rodar** era ficar dando voltas de carro, **dispositivo de armazenamento** era o que a gente chama de despesa, **analista** era o seu psicólogo, **disco rígido** era LP e disco flexível era um daqueles compactos de plástico, **fonte** era nascente de água, **utilitários** eram veículos de transportar mercadorias e **drive** era aquele lugar escurinho onde você ia pra namorar, saiba que tudo isso ficou na **memória** (que antigamente era a reunião das nossas lembranças). (título: Comandos de Teclado)

Além de apontar para a dinâmica da significação, esse texto pode ser utilizado para servir de base para que novas palavras, do universo conceitual dos alunos, possam surgir. Ele também nos chama a atenção para a informatização pela qual a sociedade está passando, o que também pode ser discutido com os alunos.

O soneto abaixo, de José Augusto Carvalho (1983, p. 22), demonstra muito bem essa questão. Vejamos.

Enconióstico

*Na esbóltica tesnalha de cavílica,
Escomirando a flântula combúria,*

*Cautolosia o serpifal da escúria,
Com três hipóticos getais de fílica.*

*Porém, no pifo, atrás da massenúria
Contamitando a estáfila clastílica,
Cortenovava a sístola esmepílica,
Com menões, com terris e sem mortúria.*

*E esses portoses áltios se rortam
Na extrêmica perfina do terfalho,
Enquanto as tílicas em chunda se amortam!*

*E nessa alvítica chalinda em balho,
Eu me consfílio, e em sínase se extortam
Os comaris dos sanafrais de analho!*

Nesse soneto a maior parte das palavras não possui significados, foram criadas pelo autor. No entanto, o poema passa uma sensação de mortalha, de penúria, podridão. O sentido do texto remete-nos a um lugar sombrio, com mortos, a uma vida decrépita, um sentido de desesperança, enfim. Mas como esse sentido é conseguido se as palavras não possuem significados? O soneto possui sentido devido à analogia que fazemos com outros sonetos e com palavras semelhantes, mas não possui significado, em suas palavras.

A utilização conotativa dos nomes de animais como um fenômeno próprio da linguagem coloquial pode ser um outro bom exemplo para se trabalhar com essa perspectiva semântica. Vejamos alguns nomes de animais:

Ameba, Anta, Aranha, Aranha cabeluda, Arara, Asno, Baleia, Besouro, Bode, Boi de piranha, Bruxa, Burro, Cabra, Cachorro, Carneirinho, Carrapato, Cascavel, Cavalo, Chato, Cobra, Coruja, Curiango, Dinossauro, Égua, Elefante, Foca, Formiguinha, Galinha, Galo, Gambá, Garanhão, Gato, Gavião, Jacu, Jararaca, Jiboia, Leão, Lesma, Lobo, Macaco, Mariposa, Maritaca, Marmota, Muquirana, Onça, Ovelha, Papagaio, Peixinho, Periquita, Peru, Perua, Piolho, Piranha, Porco, Potranca, Rato, Sanguessuga, Sapo, Tartaruga, Tigresa, Morcego, Tiú, Tiziu, Topeira, Tubarão, Vaca, Veado, Zebra.

Evidentemente eles dariam um bom trabalho com os alunos, no sentido de leva-los a conhecer a realidade desses animais e o que eles causam nos homens, seja temores ou encantos. No entanto, podemos ir além, trabalhando os efeitos conotativos desses nomes.

Difícilmente encontraremos nomes de animais que não sofram um efeito pejorativo. Há ainda aqueles destinados a falar dos órgãos sexuais, tais como: Cobra, Perereca, Periquita, Peru, Pinto, Pomba, Rola.

Ora, o que leva os homens a *fazer isso com os animais*? Se, segundo Eduardo Guimarães, o sentido é efeito de sentido no acontecimento do dizer, resta-nos perguntar que efeitos de sentido esse ato pejorativo praticado com os nomes de animais provoca. Evidente que cada ato de linguagem instaura um acontecimento específico, e tratá-los em conjunto não parece interessante. Mas como um fenômeno próprio da linguagem coloquial, o que se faz com os nomes de animais parece resultante do propósito de superioridade que os homens tentam ter com relação a eles. O *animal racional* desdenha dos seus adversários a fim de camuflar as relações conturbadas que mantém entre si. Isso a psicologia comportamental tem explicado muito bem.

Com esse tipo de abordagem deslocamos o lugar estabilizado dos sentidos para uma eterna construção, que provoca efeitos de sentido sempre novos. Uma abordagem enunciativa da significação não chega a se constituir em uma vertente pragmática, pois o ato de linguagem em si necessita ser levado em conta ao analisar os fatos semânticos. Situações de linguagem podem ser montadas a fim de que se possa analisar os efeitos de sentido provocados. Afinal, o sentido nunca é da ordem do previsível, é sempre um efeito do dizer.

Múltiplos exemplos poderiam ser dados, seja no trabalho com a metáfora, com a polissemia, com a ambiguidade ou mesmo com a metonímia e até com a hiponímia. Temos aí um vasto campo de exploração da Semântica nas salas de aula, seja nas aulas de língua materna ou estrangeira.

Uma Semântica que assuma a instabilidade dos sentidos como objeto de estudos, nas salas de aula de ensino fundamental e médio, tem o desafio de só tratar a linguagem no uso e por isso ter por base os discursos. Caberá a essa Semântica estudar o movimento dos sentidos na linguagem e assim o movimento dos homens na construção de suas múltiplas realidades. Os indivíduos formados por essa perspectiva saberão, sem dúvida, que somos nós quem significamos as realidades, que elas são múltiplas e que, portanto, caberá a nós mesmos construirmos mundos melhores, cujos efeitos de sentido transcendam à rudeza. Quando passarem a olhar a linguagem pelo viés da enunciação, os alunos serão capazes de

compreender o movimento de criação conjunta da linguagem e das realidades *na dança das mãos*.

Referências

ABRAHÃO, V. B. B. A Semântica no quadro das ciências da linguagem. *Revista do SELL*, v. 1, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell>>.

_____. A Semântica no ensino de línguas. In: V ECLAE – Encontro das Ciências da Linguagem aplicadas ao ensino, 5., 2011, Natal/RN: EDUFRRN, 2011. v. 01. p. 1-11. Disponível em: <<http://gpleer.webnode.com.br/news/novo-evento/>>.

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. SP: Ars poética, 1994.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 1975.

_____. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. SP: Hucitec, 1988.

CARVALHO, J. A. *Revista Letras*, Vitória, ano III, p. 22, 1983.

GUIMARÃES, E. *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1969.

MARI, H. *Os lugares do sentido*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

_____. *Os lugares do sentido*. BH: Faculdade de Letras, UFMG, 1991. (Cadernos de Pesquisa\NAPq, 1)

PAZ, O. *El arco y la lira*. México: Ponto de Cultura Econômica, 1986.

PINTO, M. J. *Análise semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos*. RJ: Forense-Universitária, 1977.

PIRES DE OLIVEIRA, R. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo, Editora Abril, 1997, n. 6 (junho).